

# **Agricultura familiar: Educomunicação e protagonismo feminino**

Carla Beatriz de David Ernesto

Merli Leal Silva

O trabalho realizado com as agricultoras do assentamento Cristo Redentor, a partir do projeto “Educomunicação Popular: protagonismo feminino agroecologia, marketing e alternativas contra a violência de gênero no campo”, busca promover estratégias comunicacionais e ações de integração da comunidade acadêmica da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja/ RS, com as mulheres assentadas. O objetivo é debater com as agricultoras familiares, os princípios e práticas da transição agroecológica, marketing, comunicação e técnicas de comercialização e desenvolvimento sustentável.

Nessa perspectiva, a partir das ações educacionais é possível transcender a lógica social instituída, afirma Soares (2008, p.44) é investigando e compreendendo que “as diferentes vertentes da educação para a comunicação mobilizam os agentes culturais no sentido de se articularem por políticas democráticas de comunicação, em nível macro”. Caminhando nessa perspectiva, a compreensão

de Educomunicação nesse artigo, corrobora com a perspectiva de Soares (2008, p.44) pois entende que “[...] a gestão da comunicação nos espaços educativos, contemplando todos os esforços no sentido de planejar e executar políticas de comunicação, numa perspectiva democrática e participativa, a serviço das comunidades [...]” é um dos fatores determinantes para a prática da educomunicação. Partindo desse pressuposto, nosso estudo direciona-se para a compreensão da realidade concreta, na qual, as relações de gênero, aqui no caso as agricultoras, se estruturou no regime patriarcal que, dentro de um sistema colonial predominante, deliberou a ambos, funções seguindo em sua maioria, a lógica hierárquica, ou seja, a mulher já tem um papel social coadjuvante e o homem é quem detém o poder na tomada de decisões. A luta é contra a cultura do silenciamento de uma sociedade patriarcal e excludente.

Compreender essa realidade, é se inserir no contexto de cada uma para que se possa materializar a alteridade, assim, a partir do exercício de autorreflexão é pensar em estratégias de enfrentamento dessa violência. Logo, nossa ação e reflexão acontece no território da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, na cidade de São Borja onde está situado o assentamento Cristo Redentor.

Conhecendo e se inserindo na realidade das agricultoras, o projeto de extensão da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, atua desde 2011 com educação popular. A violência no campo, em particular nos assentamentos é presente na falta de apoio aos arranjos produtivos das mulheres. Mesmo com terra, não há recursos para que possam produzir alimentos e produtos coloniais. A proposta extensionista se empenha na criação de alternativas de geração de renda e valorização da produção local, que segundo Hirata (2005, p.144) estas são as “trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social”.

Com isso, faz-se necessário a reflexão juntamente com essas mulheres, em torno de suas potencialidades, para Freire (1979, p. 45) isto é , “O papel fundamental dos que estão comprometidos numa ação cultural para a conscientização não é propriamente falar sobre como construir a ideia libertadora, mas convidar os homens a captar com seu espírito a verdade de sua própria realidade...” Nesse sentido, o objetivo geral é tornar conhecido das agricultoras

familiares os princípios e práticas da transição agroecológica para comercialização, emancipando-as como protagonistas do desenvolvimento sustentável na região onde vivem, além de combater a violência da fome e do descaso com as mulheres que vivem da terra.

## **Os caminhos da prática educ comunicativa do projeto**

De forma específica, objetivamos:

- Combater a violência da fome e do descaso com as mulheres que vivem da terra; agregar valor aos produtos locais vendidos nas feiras livres;
- Construir ações de marketing e vendas para promover as produtoras locais;
- Qualificar as feiras, proporcionando renda e inclusão social, além de, proporcionar à comunidade acadêmica contato e interação com o povo do campo.

A relevância do projeto de extensão está relacionada à compreensão de que as mulheres geralmente são as mais penalizadas em momentos de crise econômica. No caso das assentadas, há ainda o caráter patriarcal e machista dos assentamentos, onde as mulheres ainda são sobrecarregadas com atividades da casa e do campo. De acordo com Hirata (2005, p.144) “As mulheres podem ser mais facilmente “cobaias” de experimentações sociais porque são menos protegidas, tanto pela legislação do trabalho quanto pelas organizações sindicais, e são mais vulneráveis” [...].

## **Um pouco sobre o assentamento**

O assentamento Cristo Redentor onde residem as agricultoras, é constituído por 15 famílias originárias da região do Alto Uruguai, dos municípios de Erval Seco, Redentora e Criciumal, de origem predominantemente brasileira. Exploravam terrenos acidentados, pedregosos, com culturas de milho, soja, feijão e pequenas criações para consumo da família. Há organização social informal, além de várias tentativas de organização formal de grupo de jovens mulheres. Atualmente, este processo está no estágio de formalização, pois boa parte das famílias identifica na associação, o caminho para acessar o Programa Nacional

de Alimentação Escolar-PNAE. A trajetória das famílias do assentamento sempre foi de resistência, na beira da estrada, permaneceram por quatro meses sob pressão política, iniciando uma caminhada rumo à Porto Alegre/RS, onde ocuparam o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, por oito dias. Após muita luta, conseguiram nove áreas pelo estado, dentre elas, o assentamento Cristo Redentor. Em seguida, foi feito um sorteio onde 15 famílias foram assentadas, destas, duas famílias abandonaram os lotes e apenas uma trocou. Partindo-se do diagnóstico situacional de comunidades localizadas na área rural de São Borja, busca-se a sensibilização das mulheres feirantes acerca do potencial de uso simbólico do seu entorno, agregando valor ao trabalho e aos produtos oriundos de suas lides.

A ação cultural para a liberdade não pode contentar-se com as mistificações da ideologia, como ele as denomina, nem com uma simples denúncia moral dos mitos e dos erros; mas deve empreender uma crítica racional e rigorosa da ideologia. O papel fundamental dos que estão comprometidos numa ação cultural para a conscientização não é propriamente falar sobre como construir a idéia libertadora, mas convidar os homens a captar com seu espírito a verdade de sua própria realidade... (FREIRE, 1979, p.46).

Diante disso, a construção do conhecimento agroecológico é resultante de processos locais de inovação, que tradicionalmente se organizam horizontalmente, formando circuitos dinâmicos de produção e troca de conhecimentos. A geração do conhecimento agroecológico está, portanto, vinculada à capacidade de leitura e interpretação das agricultoras sobre os contextos em que vivem e produzem.

*El diálogo es una relación horizontal de A con B. Nace de una matriz crítica y genera criticidad. Cuando los dos polos del diálogo se ligan así, con amor, con esperanza, con fe el uno en el otro, se hacen críticos en la búsqueda común de algo. Sólo ahí hay comunicación. Sólo el diálogo comunica (FREIRE apud KAPLÚN, 1998, p.60).*

É nesse sentido que a sistematização de experiências tem se apresentado como atividade essencial para que o conhecimento agroecológico avance por meio da integração de saberes. A reconstrução, o ordenamento histórico e a interpretação crítica do processo de construção do conhecimento, do ponto de vista das agricultoras e dos diversos parceiros, possibilitam a identificação dos erros, dificuldades, fragilidades, potencialidades e funcionamento do processo de inovação.

Diante disso, para que seja possível compreender a realidade das mulheres do campo, é preciso imergir-se na subjetividade de uma sociedade patriarcal que cultua o silenciamento, opressão e invisibilização feminina. Ou seja, conforme Beauvoir, (1980, p.363) as mulheres “[...] estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas”. No caso das mulheres assentadas, a cultura do silenciamento tem impactos objetivos em suas vidas, como por exemplo, a falta do poder de decisão, ausência de autonomia, tripla jornada de trabalho e o machismo existente no campo. A materialização da exclusão e do silenciamento das mulheres na sociedade é compreendida na percepção de Beauvoir (1970) como “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo”. Além disso, a implantação de políticas neoliberais<sup>1</sup> no Brasil, contribuiu para a precarização do trabalho feminino em geral, em particular com as agricultoras do campo.

---

1 Neoliberalismo, como arcabouço teórico e ideológico não é algo novo. Nasce com o combate implacável, no início da década de 1940, às teses keynesianas e ao ideário do Estado de Bem-Estar, sobretudo aos direitos sociais e aos ganhos de produtividade da classe trabalhadora. Seu postulado fundamental é de que o mercado é a lei social soberana. Friederich Hayek, teórico principal do neoliberalismo expõe suas teses básicas no início da década de 1940. A ele se juntam, entre outros, M. Friedman, e K. Popper. A adoção das teses neoliberais e a implementação econômica e político-social têm início, todavia, apenas no contexto da crise e do colapso do socialismo real. É uma ideologia capitalista que defende o ajuste dos Estados nacionais às exigências do capital transnacionalizado, portanto, contrária aos pactos que subordinam o capital a qualquer forma de soberania popular ou instituições de interesse público (PIANA, Maria, p.29-30).

Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça [...] (BEAUVOIR,1970, p.17).

## **A trajetória de luta das agricultoras**

Diante da defesa da classe dominante em manter a velha moral, por meio de uma concepção tradicional de família em prol da propriedade privada, as ações educacionais desenvolvidas, andam na contramão dessa ideologia. Assim, visa de forma conjunta, a emancipação das mulheres participantes do projeto, que tem jornada tripla de trabalho e que mesmo assim, tem perspectivas na transformação de suas realidades. Em vista que, uma das agricultoras é chefe de família, cuidando em tempo integral de suas lides e a outra, além da jornada tripla, também tem o marido que coordena as atividades de plantio e colheita. A partir da compreensão de suas realidades, utiliza-se de uma escuta sensível e o acolhimento de suas demandas, dialogando sobre temas como segurança alimentar e a produção local nos assentamentos. De forma coletiva construímos ações de marketing para os produtos produzidos pelas mulheres, usando ferramentas digitais como redes sociais e produção fotográfica dos produtos. As mulheres mais jovens produzem fotos durante o processo de produção e, com a equipe do projeto, finalizam peças de divulgação da feira. A elaboração das ações de marketing e vendas promove as produtoras locais, que trata da geração de renda através das feiras livres e inclusão social por meio de arranjos produtivos solidários. Outro fator relevante da ação é a interação da comunidade acadêmica com as agricultoras, construindo um laboratório de aprendizagem através das idas ao assentamento e do registro de como é a vida além dos muros da universidade, isto é, conforme Kaplún (1998 p.67) “[...] encontrar formas y caminos para que los medios vayan generando un diálogo cada vez más compartido, y se vayan haciendo gradualmente más y más abiertos a la participación de sus destinatarios”.

Seguindo ainda, na lógica de Kaplún (1998, p.78) “Es preciso avanzar pacientemente, paso a paso, sabiendo que la participación es un proceso. Que no se

da de un día para otro. Ni se da tampoco por generación espontánea: hay que saber estimularlo”. Dessa forma, o uso dos meios de comunicação, como as redes sociais do projeto e o jornal de maior circulação da cidade, contribui na divulgação de ações, como as rodas de conversa realizada no assentamento, de forma sistemática com a participação do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) e Emater-RS. A rádio comunitária da cidade também dá espaço para divulgar o projeto e sua importância e valorizando a agricultura feminina e seus reflexos gerados nas famílias assentadas. Outra ação educacional fundamental é realização de entrevistas ao vivo com os consumidores da feira, buscando a materialização dos objetivos do projeto a partir de sua prática, ou seja, de acordo com Kaplún (1998, p. 51) significa que “*El modelo se basa en la participación activa del sujeto en el proceso educativo, y forma para la participación en la sociedad*”. Nesse sentido, o projeto constrói estratégias educacionais e ações de enfrentamento à precarização do trabalho no campo e à violência de gênero, de forma conjunta com as agricultoras.

*Siempre comienza un pequeño equipo. Pero éste debe saber ir creando desde el principio las condiciones que favorezcan el proceso. Según como él arranque, logrará poco a poco una comunicación real, dialogística y participativa, o se estrellará, tal vez, con la indiferencia y el silencio de la comunidad. Los primeros pasos son de decisiva importancia. Conviene, pues, seguir clarificándolos sobre el papel del equipo comunicador y sobre el estilo y el método con que él debe comenzar su trabajo.*

A lógica educacional participativa, envolve todos os sujeitos envolvidos na prática que é base do projeto, a comunicação popular, dialógica, crítica, ativa e principalmente, emancipatória. Isto é:

*Los hombres y los pueblos de hoy se niegan a seguir siendo receptores pasivos y ejecutores de órdenes. Sienten la necesidad y exigen el derecho de participar, de ser actores, protagonistas, en la construcción de la nueva sociedad auténticamente democrática. Así como reclaman justicia, igualdad, el derecho a la salud, el derecho a*

*la educación, etc., reclaman también su derecho a la participación. Y, por tanto, a la comunicación. Los sectores populares no quieren seguir siendo meros oyentes; quieren hablar ellos también y ser escuchados. Pasar a ser interlocutores. Junto a la «comunicación» de los grandes medios, concentrada en manos de unos pocos grupos de poder, comienza a abrirse paso una comunicación de base; una comunicación comunitaria, democrática.*

*En el fondo de las dos acepciones, subyace una opción básica a la que se enfrenta la humanidad. Definir qué entendemos por comunicación, equivale a decir en qué clase de sociedad queremos vivir. La primera acepción — la que reduce la comunicación a transmisión de informaciones — corresponde a una sociedad concebida como poder: unos pocos emisores imponiéndose a una mayoría de receptores (KAPLÚN, 1998, p.63).*

Dessa forma, as práticas educomunicativas instigam a mediação entre os sujeitos abrindo espaços para emancipação humana, ou seja, de acordo com (SOARES, 2008, p 43) é “[...] criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos da informação”. Ou seja, compreender essa realidade, é se inserir no contexto de cada uma para que se possa materializar a empatia, exercitar a escuta sensível e pensar em estratégias de enfrentamento dessa violência.

É então indispensável ao ato comunicativo, para que êste seja eficiente, o acôrdo entre os sujeitos, recìprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito (FREIRE, 1983, p.45).

Sabendo que, a comunicação popular tem um importante papel de porta-voz da comunidade e que um de seus objetivos é exaltar além das suas necessidades, mas também, tudo que é produzido por aqueles que a formam, ou seja, “... el proceso de interacción social democrática basada en el intercambio de signos, por el cual los seres humanos comparten voluntariamente experien-

*cias bajo condiciones libres e igualitarias de acceso, diálogo y participación”.* (KAPLÚN apud BELTRÁN, 1998,p.64).

Nessa perspectiva, percebe-se que nas ações de educomunicação popular há um compromisso social, diálogo democrático e busca de estratégias para combater o modelo político ideológico hegemônico pelas classes dominantes.

A “estrutura vertical” constitui o quadro das relações de transformação homem-mundo. É com os produtos desta transformação que o homem cria seu mundo – o mundo da cultura que se prolonga no da história. Este domínio cultural e histórico, domínio humano da “estrutura vertical”, se caracteriza pela intersubjetividade, pela intercomunicação. Se esta intercomunicação, não obstante, só existisse dentro de uma mesma unidade “epocal”, não haveria continuidade histórica. Esta, que é indubitável, se explica na medida em que a intersubjetividade, a intercomunicação, sobrepõem a interioridade de uma unidade “epocal” e se estendem até à seguinte. Esta solidariedade intercomunicativa entre unidades “epocais” distintas constitui o domínio da “estrutura horizontal” (FREIRE,1979, p.40).

Dessa forma, a reconstrução, o ordenamento histórico e a interpretação crítica do processo de construção do conhecimento, do ponto de vista das agricultoras, possibilitam a identificação dos erros, das fragilidades, potencialidades e funcionamento do processo de inovação.

*Para esa capacidad de entender al destinatario, de ponernos en su lugar, de identificarnos y compenetrarnos con él, la psicología tiene un nombre con el que vale la pena que nos familiaricemos: la llamada «empatía». Esta es una palabra clave en comunicación; está en la base misma de la comunicación. La eficacia de la comunicación depende de la capacidad empática del comunicador* (KAPLÚN, 1998, p.99).

Logo, a partir da imersão na realidade das agricultoras familiares, torna-se primordial buscar compreender quais elementos contribuem para o processo de

compreensão da sua realidade, com a intenção de deixar nítido a força e o saber que possuem. Processo esse, que é contínuo e coletivo. Dessa maneira, a comunicação dialógica propicia a construção dessa percepção, pois com o envolvimento de todos e todas, a educomunicação como prática de emancipação dessas mulheres, torna possível a prática da transformação libertadora.

### **A Universidade, o assentamento e a comunidade: uma via de mão única**

A UNIPAMPA está situada no bairro do Passo, periférico onde a comunidade se integra unindo forças para mudar a sua realidade. Mesmo não tendo a mesma visibilidade que as áreas centrais, conseqüentemente, não tem a atenção total dos governantes do município, dessa forma a interação da comunidade fortalece os laços sociais que a cultura dominante insiste em desmobilizar. Mas, questionados e encurralados pela força e união popular o cenário está mudando, muitas realidades foram transformadas com a chegada da universidade na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, como por exemplo, a inclusão da comunidade local e de outras regiões do Brasil e a valorização da agricultura familiar.

Dessa forma, todas e todos andamos em uma única direção, compartilhando saberes e unidos encontramos e construímos ações de desconstrução da lógica burguesa e hegemônica, o que de acordo com Freire (1990, p.26) “Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação”, conseqüentemente, possibilita à comunidade buscar sua autonomia. A integração da comunidade acadêmica com as agricultoras ultrapassa a concepção de laboratório de aprendizagem, mas também de construção coletiva, da troca de saberes, da valorização do saber e do sabor local, das mãos que produzem, da terra que cultivam e do conhecimento que transcende.

As práticas envolvem toda a comunidade acadêmica com os moradores do bairro onde está inserida a universidade. É um mergulho na realidade, a partir do diálogo e da busca coletiva de solução de problemas que afetam as mulheres e seus saberes e fazeres.

Dessa maneira, compreende-se que, o processo de conscientização deve ir além da sua percepção, é preciso agir, encontrar a fuga deste regime do silên-

cio, isto é, ação, reflexão, ação, para que coletivamente, a prática libertadora seja compreendida a partir da realidade do outro, conforme a gênese da pedagogia freireana<sup>2</sup>. Esse processo deve ser contínuo, a prática educacional é transversal, torna os sujeitos pensantes críticos que possibilitam essa transformação e logo, será possível viver em uma sociedade autônoma e de todos e para todos.

*Lo que importa aquí, más que enseñar cosas y transmitir contenidos, es que el sujeto aprenda a aprender; que se haga capaz de razonar por sí mismo, de superar las constataciones meramente empíricas e inmediatas de los hechos que la rodean (conciencia ingenua) y desarrollar su propia capacidad de deducir, de relacionar, de elaborar síntesis (conciencia crítica) (KAPLÚN, 1998, p. 51).*

As agricultoras estão ocupando espaços a que têm direito, pois são protagonistas de suas próprias histórias. Na perspectiva de Freire (1987, p. 29) “Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”. É nesse caminho que direcionamos nossas ações, reconhecendo e incansavelmente, nos imergindo nas realidades das agricultoras, aprendendo com elas que possuem saber e produzem os sabores do campo, donas da terra.

Assim, essa dinâmica cria um ambiente de aprendizagem mútua que possibilita redirecionar as práticas do projeto a partir da realimentação das ações de pesquisa e subsidiar políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento rural sustentável. As mulheres são parte ativa do projeto, considerando que sofrem violência ao não terem acesso a programas de capacitação de assentadas para gestão produtiva e acolhimento para mulheres vítimas violência e abandono dos companheiros. De acordo com (FREIRE, 1979, p. 45) “O projeto revolu-

---

2 A concepção freireana de educação, na qual as finalidades, os conteúdos, as ações estão articuladas para possibilitar a humanização e a libertação dos sujeitos contribuiu na orientação das políticas curriculares, construindo um horizonte de possibilidades para a emancipação humana a serviço da transformação social.

cionário conduz a uma luta contra as estruturas opressoras e desumanizantes”, sendo assim, ao se descobrirem dotadas de potencial para empreender por conta própria, a partir do que criam e produzem no campo, resgatam a autoestima e confiança em si mesmas, ou seja, para Freire (1979, p. 45) isto é, “Quanto mais progride a problematização, mais penetram os sujeitos na essência do objeto problematizado e mais capazes são de “desvelar” esta essência. Na medida em que a “desvelam”, se aprofunda sua consciência nascente, conduzindo assim à conscientização da situação pelas classes pobres”. Desse modo, a partir dos desafios propostos o projeto “Educomunicação Popular: protagonismo feminino agroecologia, marketing e alternativas contra a violência de gênero no campo” conduz na perspectiva da ação-reflexão-ação, construindo saberes e valorizando os sabores do campo. A transformação social parte do micro, onde as protagonistas são aquelas que compõem e fazem suas histórias, donas da terra e de um saber imensurável. A equipe de estudantes e docentes ensinam e aprendem com as mulheres agricultoras, considerando a troca de saberes entre as comunidades, com intuito de fortalecer a produção local realizada pelas mulheres do campo é valorizar o que fazem e provocar reflexões para que possam acreditar na força que possuem, unidas.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Editora Nova Fronteira, 1980.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Editora Nova Fronteira, 1970.
- COPTEC. **Relatório Ambiental do Projeto de Assentamento Cristo Redentor**. Porto Alegre, dezembro de 2009. Acesso em: 25 set. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo. Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Paz e Terra S/A, 1983.
- HIRATA, Helena. **Globalização e divisão sexual do trabalho**, Campinas, n. 17-18 p 139-156, 2002.
- KAPLÚN, Mário. **Una Pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la torre, 1998.

SOARES, de Oliveira Ismar. **Quando o Educador do Ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito. Comunicação e Educação Revista USP**, São Paulo, n. 3 p. 43, set/dez 2008. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43268>>. Acesso em: 16 set. 2018.

Sobre as autoras:

**Carla Beatriz de David Ernesto** - Acadêmica do 6º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA - campus São Borja/RS. Atual bolsista do projeto de extensão “Educomunicação Popular: protagonismo feminino agroecologia, marketing e alternativas contra a violência de gênero no campo”. Voluntária no projeto de extensão Happy hour do t3xto nos anos de 2016 e 2017. Apresentação de relato de experiência com a temática “A população negra no ensino superior: A política de cotas na Universidade Federal do Pampa, campus São Borja/RS” no 3º Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura – EMIcUl no ano de 2017 e apresentação de artigo com a temática, “Educomunicação: compreendendo a teoria para transformar a prática” no 9º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão-SIEPE. Contato: carlabde87@gmail.com

**Mérli Leal Silva** - Graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989), Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997), Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2005) estagio doutoral na Universitat de Valência- Espanha (2004). Pós Doc. na UFRGS em Educomunicação, com missão de estudos em Cuba- CUJAE-2016. É sócia fundadora e ex-diretora pedagógica da Ong Instituto de Desenvolvimento Social Bravagente, onde coordenou o curso de especialização em educação popular e gestão de movimentos sociais. Atua no ensino superior de comunicação desde 1990, sempre pesquisando o campo da educomunicação. Tem experiência e produção na área de Educomunicação Popular e em gestão de projetos Comunitários, pesquisando principalmente os seguintes temas: educação e comunicação, formação docente em tecnologias educativas, meios digitais, gestão alternativa e pedagogia da comunicação crítica, de inspiração freireana. Contato: merlisilva@unipampa.edu.br